

POR UMA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR PROCESSUAL E MULTIDIALOGADA

Elias Bezerra de Souza¹

RESUMO

O presente artigo, de caráter bibliográfico e teórico-reflexivo, propõe uma análise crítica sobre o processo de avaliação da aprendizagem escolar à luz da abordagem crítica e construtiva de Cipriano Luckesi (2005; 2018; 2023; 2024) e da perspectiva dialógica de Paulo Freire (1979; 1996). A avaliação é compreendida como componente essencial da práxis pedagógica, configurando-se como espaço de escuta, mediação e reorientação do percurso educativo. Fundamentada nos princípios da processualidade e da multidialogicidade, a avaliação é tratada como ato ético, político e humanizador, comprometido com o desenvolvimento integral do estudante e com a efetivação do direito de aprender. Dialoga-se com autores como Hoffmann (1993; 1998; 2001), Romão (2005), Saul (2010) e Moretto (2007), que contribuem para a compreensão da avaliação como processo reflexivo e formativo, articulado ao planejamento e à execução pedagógica. O estudo enfatiza que a prática avaliativa, quando coerente com o projeto pedagógico, possibilita a reconfiguração do ato educativo, integrando teoria, prática e ética. Por fim, defende-se que a avaliação processual e multidialogada, alicerçada na pedagogia construtiva de Luckesi, representa um caminho para a construção de uma escola democrática, dialógica e emancipadora, capaz de superar a lógica classificatória e promover a aprendizagem significativa como direito e experiência de humanização.

Palavras-chave: Avaliação processual; Educação dialógica; Práxis; Mediação pedagógica; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem escolar permanece um dos campos mais controversos e decisivos da prática educativa. Enquanto modelo histórico, a avaliação reduziu-se frequentemente a um mecanismo disciplinar de seleção e exclusão, orientado pela mensuração de resultados e pela classificação numérica. Essa tradição, associada a uma pedagogia transmissiva, tem consequências profundas sobre as possibilidades formativas dos estudantes. Em contraponto, autores como Hoffmann apontam que “avaliar é um ato amoroso de acompanhamento do educando em seu processo de aprender” (HOFFMANN, 1993, p. 14), postulando uma ética do cuidado que orienta práticas avaliativas formativas.

Paulo Freire amplia essa perspectiva ao situar o diálogo como eixo da educação democrática: “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades da Universidade Federal do Amazonas, elias.bezerra@ifam.edu.br



educam em comunhão” (FREIRE, 1979, p. 79). Dessa forma, a avaliação deve ser pensada não como um ato isolado de verificação, mas como parte integrante de uma práxis pedagógica que promove a construção conjunta do saber. Cipriano Luckesi, por sua vez, desloca o foco da avaliação do produto para o processo, afirmando que avaliar é compreender o vir-a-ser do aprender, com a finalidade de reorientar a ação pedagógica (LUCKESI, 2018, p. 45).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico-interpretativo, de caráter qualitativo, baseado na análise e síntese de obras fundamentais sobre avaliação escolar. Foram selecionadas obras de referência de Luckesi (2005; 2018; 2023; 2024), Hoffmann (1993; 1998; 2001), Freire (1979; 1996), Romão (2005), Saul (2010) e Moretto (2007).

A metodologia adotada consistiu em leitura crítica, mapeamento de conceitos centrais e articulação entre a teoria e propostas operacionais para a prática docente. A escolha por um recorte teórico permite aprofundar argumentos e tornar explícitas as implicações pedagógicas e políticas de uma avaliação processual e multialogada.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Processualidade e a Multidialogicidade no Ato Avaliativo

O princípio da processualidade, na perspectiva crítica e construtiva, constitui o eixo estruturante da prática avaliativa. Para Luckesi (2018, p. 45), “avaliar é compreender o processo de aprendizagem em sua totalidade, permitindo a intervenção pedagógica permanente”. Esse entendimento rompe com o paradigma da mensuração e desloca o foco do produto final para o percurso do aprender. A avaliação, portanto, assume caráter contínuo, reflexivo e formativo, articulando-se ao planejamento e à execução das ações pedagógicas. Hoffmann (1993, p. 14) define o ato de avaliar como “um acompanhamento amoroso do educando em seu processo de aprender”, o que reforça o compromisso ético e humano que deve orientar a prática docente.

A processualidade implica que o ato de avaliar não se encerra em momentos pontuais, mas se desenvolve em ciclos de observação, registro, análise e replanejamento. Nessa dinâmica, cada instrumento e cada devolutiva representam oportunidades de



reflexão compartilhada sobre o aprender. Romão (2005, p. 54) destaca que “avaliar é dialogar sobre o aprender”, compreendendo o processo como um espaço de negociação de sentidos e de reconhecimento da pluralidade de vozes. Assim, a avaliação processual se realiza em meio ao diálogo entre o professor, o aluno e o próprio conhecimento em construção.

A multidialogicidade, por sua vez, amplia o horizonte da avaliação ao articular diferentes dimensões do processo educativo. Ela envolve, primeiramente, o diálogo entre a prática pedagógica e a perspectiva teórica que a orienta — no caso, a pedagogia crítica e construtiva de Luckesi (2005), que compreende o ato pedagógico como síntese entre planejar, executar e avaliar.

Em segundo lugar, refere-se ao diálogo entre a avaliação e o projeto pedagógico, garantindo coerência entre o que se ensina, o que se aprende e o que se avalia. Em terceiro lugar, estabelece a correspondência entre os conteúdos avaliados e os objetivos educacionais, assegurando que as avaliações representem o que efetivamente foi trabalhado em sala de aula.

Por fim, manifesta-se no diálogo permanente entre docente e discente, nas diferentes fases do processo pedagógico — da definição de critérios à análise dos resultados e à reorientação das práticas.

Freire (1996, p. 66) sustenta que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Essa ideia fundamenta a necessidade de que a avaliação se configure como um espaço de construção coletiva, e não de imposição unilateral.

Saul (2010, p. 27) complementa que uma avaliação emancipatória requer coerência entre o ato de ensinar e o ato de aprender, o que só é possível em práticas dialógicas. Portanto, a processualidade e a multidialogicidade constituem os pilares da avaliação escolar como práxis reflexiva e transformadora, capaz de integrar teoria, prática e ética em favor da emancipação humana.

A abordagem Crítica e Construtiva da Avaliação da Aprendizagem na Escola

No primeiro capítulo de sua obra *Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática*, Cipriano Luckesi (2005) apresenta os fundamentos daquilo que denomina abordagem crítica e construtiva da avaliação. Nessa perspectiva, o autor afirma que a avaliação não deve restringir-se à mera verificação de



resultados, mas deve se configurar como um processo de compreensão e intervenção pedagógica. Para Luckesi (2005, p. 17), “avaliar é uma ação reflexiva que se volta para o ato de aprender, e não um ato de classificar”. Essa concepção implica que o foco da avaliação se desloque do produto para o processo, buscando compreender as causas e significados das aprendizagens e dificuldades dos estudantes.

O autor critica a lógica tradicional que associa a avaliação ao controle e à punição, ressaltando que tais práticas produzem exclusão e fracasso escolar. Ele propõe, em contrapartida, uma avaliação construtiva, orientada à melhoria do ensino e ao crescimento do educando. Segundo Luckesi (2005, p. 29), “avaliar é um ato inclusivo e dialógico, comprometido com o crescimento do educando e com a qualidade do ato pedagógico”. Essa formulação reforça a necessidade de que a avaliação seja articulada à ética e à responsabilidade social do educador.

A abordagem crítica e construtiva também se ancora em uma concepção humanista e emancipadora da educação. Avaliar, nesse sentido, é um ato político, pois envolve a tomada de decisões que podem ampliar ou restringir as possibilidades de aprendizagem. Luckesi (2005, p. 35) enfatiza que “a avaliação é parte integrante da ação pedagógica e, enquanto tal, deve servir à construção do sujeito que aprende”. Assim, a prática avaliativa não se reduz a um instrumento técnico, mas torna-se um espaço de reflexão, diálogo e reconstrução de sentidos. Ao propor essa abordagem, o autor contribui para repensar a função social da escola e o papel do professor como mediador do conhecimento e promotor do desenvolvimento humano.

3.3 Avaliação como Processo: Luckesi e a epistemologia da avaliação

Cipriano Luckesi tem contribuído decisivamente para a reorientação do debate sobre avaliação, defendendo uma concepção crítica e construtiva. Para Luckesi, “avaliar é um ato inclusivo e dialógico, comprometido com o crescimento do educando e com a qualidade do ato pedagógico” (LUCKESI, 2005, p. 29). Essa perspectiva desloca a avaliação da esfera da punição para a esfera da mediação pedagógica. Em seu trabalho mais recente, o autor reforça que a avaliação deve ser entendida como “um processo de mediação e cuidado, que visa à melhoria das aprendizagens e não à classificação dos indivíduos” (LUCKESI, 2024, p. 41).



3.4 O Diálogo e a Dimensão ética: Freire e Romão

Paulo Freire situa o diálogo como condição de possibilidade da educação libertadora. A famosa passagem “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção” (FREIRE, 1996, p. 66) ilumina a compreensão de avaliação como ato educativo que deve favorecer a produção do conhecimento em contexto dialógico. José Eustáquio Romão, ao desenvolver a noção de avaliação dialógica, afirma que avaliar é “dialogar sobre o aprender, é reconhecer a pluralidade de vozes que compõem o processo educativo” (ROMÃO, 2005, p. 54). Assim, a avaliação torna-se um espaço ético, de negociação e de reconhecimento de diferentes trajetórias.

3.5 A Avaliação Mediadora e a Função Formativa: Hoffmann e Saul

Jussara Hoffmann contribui com a ideia de avaliação mediadora, ao afirmar que “avaliar é refletir sobre as aprendizagens dos alunos para reorientar as ações pedagógicas” (HOFFMANN, 2001, p. 23). A autora aponta para a inseparabilidade entre avaliação e planejamento, entendendo a primeira como instrumento para promover a progressão das aprendizagens. Ana Maria Saul, por sua vez, destaca que a avaliação em uma perspectiva emancipatória deve manter coerência entre o ensinar e o aprender: “a avaliação emancipatória requer coerência entre o ato de ensinar e o ato de aprender” (SAUL, 2010, p. 27).

3.6 Ressignificação dos Instrumentos e da Prova: Moretto

Vasco Moretto enfatiza a necessidade de ressignificar instrumentos tradicionais, argumentando que “a prova deve ser um momento privilegiado de estudo, e não um acerto de contas” (MORETTO, 2007, p. 15). Essa formulação convida à transformação dos momentos avaliativos em oportunidades de apropriação e revisão do saber, bem como em instâncias de regulação do ensino-aprendizagem.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta reflexão teórico-bibliográfica evidenciam que a consolidação de uma avaliação da aprendizagem escolar processual e multidialogada depende de uma profunda reconfiguração do ato pedagógico. Essa reconfiguração exige a integração entre o planejamento, o ensino e a avaliação, entendidos como momentos indissociáveis do processo educativo.

Luckesi (2018, p. 45) destaca que “avaliar é compreender o processo de aprendizagem em sua totalidade, permitindo a intervenção pedagógica permanente”. Tal princípio rompe com o modelo fragmentado e terminal da avaliação tradicional, concebendo-a como acompanhamento contínuo, diagnóstico e formativo, a serviço da aprendizagem e não da classificação.

Nesse contexto, a articulação entre o planejamento e a avaliação constitui o primeiro passo para a efetividade da prática pedagógica. Hoffmann (2001, p. 23) afirma que “avaliar é refletir sobre as aprendizagens dos alunos para reorientar as ações pedagógicas”, enfatizando que o ato de avaliar deve nascer do mesmo movimento que planeja e ensina. A coerência entre objetivos, conteúdos e instrumentos avaliativos é, portanto, condição para que o processo avaliativo sirva à promoção das aprendizagens e não à sua mensuração.

Outro resultado importante diz respeito à necessidade de diversificação dos instrumentos avaliativos. A avaliação processual não se limita às provas escritas, mas incorpora portfólios, diários reflexivos, projetos, autoavaliações e avaliações por pares, que possibilitam compreender as aprendizagens em suas múltiplas dimensões. Como observa Hoffmann (1998, p. 37), “avaliar é decidir, e toda decisão deve ser tomada a partir do respeito à singularidade do educando e à intencionalidade educativa”. A pluralidade de instrumentos permite captar não apenas o produto final, mas o percurso, os avanços e as dificuldades dos estudantes, favorecendo o diálogo e a corresponsabilização no processo formativo.

A dimensão dialógica da avaliação, por sua vez, constitui elemento estruturante da proposta processual e multidialogada. Romão (2005, p. 54) defende que “avaliar é dialogar sobre o aprender”, e esse diálogo precisa ocorrer em todas as etapas do processo pedagógico — desde a definição dos critérios até a análise dos resultados. Criar espaços de diálogo avaliativo significa transformar a devolutiva em um momento de escuta, reflexão e coautoria, em que o estudante participa ativamente da interpretação de seu



próprio percurso. Freire (1996, p. 66) lembra que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”; avaliar, nessa mesma linha, deve ser criar possibilidades para compreender o aprender.

Entre os instrumentos tradicionalmente utilizados, a prova merece atenção especial. Moretto (2007, p. 15) propõe que “a prova deve ser um momento privilegiado de estudo, e não um acerto de contas”. Reconfigurada sob uma perspectiva formativa, a prova passa a ser momento de síntese, reflexão e reconstrução do conhecimento, integrando-se ao planejamento e aos objetivos educacionais. Corrigir e discutir provas coletivamente torna-se oportunidade de reelaboração conceitual e de ampliação das compreensões, transformando o erro em ocasião de aprendizagem.

Por fim, os resultados apontam para a importância da formação docente continuada como condição indispensável para a consolidação de uma cultura avaliativa emancipadora. Luckesi (2005, p. 29) afirma que “avaliar é um ato inclusivo e dialógico, comprometido com o crescimento do educando e com a qualidade do ato pedagógico”. Essa concepção demanda que o professor se reconheça como pesquisador de sua própria prática e que as instituições garantam espaços de estudo e reflexão permanentes. Saul (2010, p. 27) e Hoffmann (1993) reforçam que a mudança de paradigma avaliativo requer um processo contínuo de formação ética e epistemológica, para que o educador compreenda o sentido político e transformador do ato de avaliar.

Dessa forma, os resultados da análise teórica indicam que a avaliação processual e multialogada, ancorada na pedagogia construtiva de Luckesi e nos princípios dialógicos de Freire, representa um caminho viável e necessário para a construção de uma escola democrática e humanizadora. A prática avaliativa, quando integrada ao projeto pedagógico e sustentada por uma ética do cuidado e da corresponsabilidade, converte-se em instrumento de emancipação e efetivação do direito de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo reafirma que a avaliação da aprendizagem escolar, quando compreendida sob a ótica processual e multidialogada, representa uma ruptura necessária com o paradigma tradicional de controle e classificação. Avaliar é um ato intrinsecamente pedagógico e ético, que, na perspectiva crítica e construtiva, deve promover a inclusão, a autonomia e a emancipação dos sujeitos.



Conforme Luckesi (2005, p. 29), “avaliar é um ato inclusivo e dialógico, comprometido com o crescimento do educando e com a qualidade do ato pedagógico”.

A concepção aqui discutida evidencia que a avaliação não é um momento isolado, mas um movimento contínuo de acompanhamento, escuta e reflexão sobre o aprender. Nessa direção, Hoffmann (1993, p. 14) define avaliar como um “acompanhamento amoroso do educando em seu processo de aprender”, situando o educador como mediador do desenvolvimento humano. De igual modo, Freire (1996, p. 66) lembra que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”, e essa criação só se concretiza em contextos de diálogo e corresponsabilidade.

Implementar uma avaliação processual e multialogada implica repensar a prática docente, ressignificar instrumentos, flexibilizar tempos escolares e compreender a avaliação como parte constitutiva do ato de ensinar. Exige também o fortalecimento da formação docente e de políticas públicas que reconheçam a avaliação como eixo estruturante do projeto pedagógico, comprometido com a efetivação do direito de aprender. Assim, a avaliação deixa de ser um fim em si mesma e se torna meio de transformação: um exercício de escuta e diálogo voltado à construção de uma escola democrática, humanizadora e socialmente justa.

AGRADECIMENTOS

Por reconhecer que nenhum trabalho de natureza científica se constrói sem alicerces teóricos sólidos, expresso minha sincera gratidão aos autores que, por meio de suas obras, dialogaram comigo na tessitura deste texto. Suas reflexões serviram de fundamento e inspiração para a construção das ideias aqui desenvolvidas.

Estendo igualmente meu agradecimento aos colegas de profissão e, de modo especial, aos estudantes, cuja convivência cotidiana e cujas experiências concretas constituem fonte viva de aprendizagem e reflexão. É no encontro com eles que a teoria se humaniza, o conhecimento se renova e o ato de ensinar ganha sentido.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: o sucesso do aluno. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1998.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: passado, presente e futuro. São Paulo: Cortez, 2024.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O ato pedagógico**: planejar, executar, avaliar. São Paulo: Cortez, 2023.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em educação**: questões epistemológicas e práticas. São Paulo: Cortez, 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e recriando a prática. São Paulo: Cortez, 2005.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2005.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafios à teoria e à prática de uma avaliação democrática. São Paulo: Cortez, 2010.

